

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

LEITURA DE IMAGENS DAS OBRAS DE FRANS KRAJCBERG: O ENSINO DA ARTE COMO MEIO DE SIGNIFICAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA CULTURA.

Judite Alves de Oliveira Botelho¹

Professora Doutora Sandra Borsoi²

Resumo:

Este artigo resultou da Implementação do projeto de intervenção para o nono ano, do Colégio Estadual Professor Custódio Netto, no município de Telêmaco Borba, como trabalho final do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) da Secretaria Estadual do Paraná. O problema norteador desta pesquisa pautou-se em: Como desenvolver a criatividade dos alunos, através de leitura das imagens/obras de Frans Krajcberg e a produção de esculturas do reaproveitamento de madeiras descartadas pelas indústrias locais? Questões foram levantadas e a proposta de fundamentação teórica embasou-se no livro de FRANZ, (2003) buscando uma educação para uma compreensão crítica da arte. Contextualização, Leitura de Imagens, Produção. Barbosa, (2014) e Buoro, (2003). A Proposta Pedagógica/Unidade Didática, consistiu em prática pedagógica de leitura de imagens como meio de significar e ressignificar as produções de esculturas baseadas na vida e obras do artista Krajcberg. O tema foi relevante para os alunos, porque propõe uma metodologia criativa, renovadora e instigante. Todas as aulas foram voltadas para o desenvolvimento da sensibilidade visual, percepção, análise, crítica e construções de argumentos, textos e esculturas referentes à biografia e ao trabalho do artista em comparação com a nossa biografia e fazer artístico.

Palavras-chave: Leitura de imagem; Ensino da Arte; Frans Krajcberg; Criatividade;

APRESENTAÇÃO

A leitura de imagens das obras de Frans Krajcberg: o ensino da arte como meio de significação e ressignificação da cultura, como tema foi relevante em nosso município, onde a inserção de indústrias de pequeno a grande porte de celulose e papel, móveis, molduras e também indústrias madeireiras são presentes no cotidiano.

O Ensino da Arte, especificamente a leitura de imagens como meio de significação e ressignificação da cultura, desenvolveu nos alunos a observação, percepção, imaginação, e a sensibilidade visual acrescentando-lhes um

¹ Professora PDE: Judite Alves de Oliveira Botelho. Especialização em Educação Especial e Arte Educação e Terapia. Graduação em Educação Artística/Habilitação em Artes Plásticas. Universidade Estadual de Londrina. 1995. judtelho@seed.pr.gov.br

² Orientadora: Professora do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutora em Educação pela UEPG. 2016.

ensino/aprendizagem inteligente, criativo, renovador e prazeroso, eles compreenderam com mais profundidade a leitura de imagem, o processo criativo, inserindo-os em suas experiências ao entenderem e compararem com a biografia do artista, analogicamente, saberão ler outras imagens em comparação com as que aqui analisaram.

A Metodologia do ensino/aprendizagem da Proposta Didática executada consiste em prática pedagógica baseada nas “triangulações” do ensino da Arte na contemporaneidade, que são: “Abordagem Triangular” de Ana Mae Barbosa, “Compreensão Crítica” de Teresinha Sueli Franz e estudamos os seis momentos em que a autora Anamelia Bueno Buoro, trabalha com a leitura de imagens e que aproveitamos para elucidar aos alunos.

O homem é um ser cultural, assim: “Ao agir ele age culturalmente, apoiado na cultura e dentro de uma cultura” (OSTROWER, 1989, p.13). Percebemos aqui a ressignificação, aproveitamos os saberes culturais, assim nos processos mentais, imaginamos a reorganização dos dados e com sensibilidade selecionamos os objetos pessoais e os da cultura e fizemos outros objetos para acrescentarmos na própria cultura, algo novo, diferente em todos os sentidos para o momento vivido e mostras de produções próprias e coletivas.

Analizamos os textos e produções, através dos **cinco âmbitos e quatro níveis de compreensão** da professora doutora Sueli Terezinha Franz e Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, “O sistema triangular, pelo fato de possibilitar o acesso ao universo da Arte, como direito de todos, promove a emancipação e rompe com a ‘cultura do silêncio’ denunciada por Paulo Freire” (BARBOSA; CUNHA. ORGS, 2010, p.86).

DESENVOLVIMENTO

No ano de 2016, com a Implementação do Projeto de Intervenção no Colégio e, no início deste ano, com a mostra da Proposta Pedagógica/Unidade Didática, junto a equipe pedagógica convocamos os pais dos alunos do nono ano e os mesmos assinaram as autorizações, assim pressupomos, que toda a comunidade escolar, ficaram cientes do nosso trabalho. O primeiro episódio foi a apresentação da proposta

didática em etapas; começando pelo título, objetivos, metodologias e, como seriam abordadas as aulas e as avaliações. Na aula demonstrativa, os alunos se inteiraram do cronograma e o como fazer em cada etapa. Com o debate/avaliação no final das aulas percebemos bastante interesses e curiosidades, também, o privilégio por estarem engajados neste propósito, semelhante ao artista. Quando a fala foi possibilidades, vários deles demonstraram entusiasmo e companheirismo para irem avante ao alvo de nossa busca por vidas, obras e produções. Assim, entenderam como organizamos o projeto e a unidade didática, porque “Arte é um modo de organizar experiências, e nosso objetivo, ao integrar a Arte no processo educativo, é principalmente desenvolver os processos mentais” (BARBOSA, 1975 p. 69).

Retomando às nossas origens para realizações artísticas no presente e futuro. Lemos em Cristina Rodrigues, que o nosso homem/artista Frans Krajcberg, não distância da sua origem e que a todo momento através de sua vida e obras ele nos conscientizam deste pensar e agir em busca das significações e ressignificações.

Krajcberg é um fenômeno, na medida em que vivencia a sua consciência, à qual se referem os objetos do mundo, de onde vêm as significações. A análise da vida de Krajcberg, na qual e para a qual se constituiu numa totalidade fechada sobre si mesma e da qual não mais Krajcberg poderá sair (RODRIGUES, 2002, p. 34).

Descobrimos, que o nosso artista é um cidadão consciente e que residiu em vários lugares do mundo, assim entendemos que, “[...] o discurso da escola para a cidadania pode ser norteador para a educação artística brasileira. O primeiro passo ao nos aproximarmos da arte com esta finalidade é sempre contextualizar” (FRANZ, 2003 p. 147).

Nas nossas aulas, colocamos como proposta dentro da “Triangulação” e “Compreensão Crítica” a Contextualização, que se dá a todo momento e retorna junto à leitura e produção de Imagens.

O eixo da **Contextualização**, que eu chamo de contextualizações, abarca as ações que focalizam, por meio da reflexão, os diferentes contextos da arte: a história, a cultura, circunstâncias, histórias de vida, estilos e movimentos artísticos.

Trata-se da aprendizagem de formulações sobre o fenômeno artístico em diferentes planos de realidade e de acordo com diferentes níveis de compreensão. Esse eixo contém, assim, uma ampla gama de discursos, fruto:

- da pesquisa teórica,
 - da leitura de formas e
 - da pesquisa durante o processo do fazer artístico
- (BARBOSA, CUNHA E ORGS; 2010 p. 66).

Na pesquisa das imagens/obras dentro do universo de Frans Krajcberg ao serem apresentadas em diversos objetos tecnológicos: impressão a cores e preto e branco; no computador; em slides, nos livros e catálogos, podemos observar o nível de compreensão através dos comentários e textos. Com o instrumento de avaliação da professora Sueli Terezinha Franz, colocamos aqui os **cinco âmbitos de compreensão crítica**.

O instrumento de avaliação inclui cinco âmbitos de compreensão: a) histórico/antropológico, b) estético/artístico, c) pedagógico, biográfico e d) crítico/social, além de quatro diferentes níveis de compreensão, os quais seguem os mesmos assinalados por Gardner e Mansilla apud Wiske (1999), são eles: a) ingênuo, b) de principiante, c) de aprendiz e d) de especialista (Franz, 2003, p. 237).

“Leitura da obra de arte/contextualização/fazer artístico – não podem serem vistas dissociadas, como momentos estanques fragmentados” (BARBOSA CUNHA. ORGS. 2010, p. 86). Em uma ligação: **contextualização, leitura, produção e os âmbitos de compreensão; histórico/antropológico, crítico/social, estético/artístico, pedagógico/biográfico**, analisamos as falas e escritas dos alunos e, de alguns professores do Grupo de Trabalho em Rede (GTR). A começar pela ‘sondagem’. “Uma das técnicas de investigação úteis para acessar ao mundo de significados dos indivíduos é a entrevista, a qual utilizo na presente investigação” (FRANZ, 2003, p. 223). Ao serem entrevistados, os alunos transpareceram o que havíamos previsto no Projeto de Intervenção, que a maioria deles não conheciam as obras do Frans Krajcberg que estão no Centro de Interpretação da Natureza, no Parque Ecológico Samuel Klabin. Alguns disseram que já viram esculturas enormes lá, mas não atentaram para os detalhes. Só uma aluna, admirou tamanhas obras e questionou sobre as mesmas. Os alunos nasceram em Telêmaco Borba, de doze, dois nasceram em outros municípios e as famílias vieram para Telêmaco Borba para os pais trabalharem nas indústrias de papel e celulose e nas madeireiras. Todos já participaram de mostras e trabalhos nas escolas e os pais da metade da turma são artesãos, marceneiros e um escultor em madeira. Após os relatos, entendemos “[...] que o **“olhar”** de cada um é único” (BARBOSA; CUNHA. ORGS. 2010, p. 405).

Âmbito Biográfico: a biografia do artista é a biografia de todos em comparação. “[...] serve de referência para lembrar os problemas que são também seus” (FRANZ, 2003, p. 259).

Na proposta 3 - ao comparar as biografias: Artista/aluno, percebemos o texto a seguir que, a autora Professora Doutora Sueli Terezinha Franz coloca sobre...

educar para a compreensão da arte, seja na escola, seja fora dela [...] expor os estudantes não só o conhecimento formal, conceitual e prático em relação às artes, mas também em relação à sua consideração como parte da cultura visual de diferentes povos e sociedades; é um olhar para a arte que me oferece uma considerável ampliação da visão (FRANZ, 2003, p. 35).

Os alunos comentaram sobre a vida deles e a questão do meio ambiente e do preconceito, viram no Frans Krajcberg um ideal para a sustentabilidade, os discentes entenderam a questão das queimadas, da fauna e flora e a questão dos índios, que são os mais prejudicados, com o desmatamento. Ficaram perplexos com a parte da biografia do Frans que relata a morte de sua família no campo de concentração Nazista na Alemanha. “Cheguei a visitar o campo de concentração [...] fato de que eles morreram. O que mais me agonia é que não consigo me lembrar do rosto da minha mãe” (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 22). No momento da Leitura de Imagens, com o conceito de leitura de imagens/obras, entendemos que,

ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. No entanto, tal imagem foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. E esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que a objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e de apropriação do mundo (PILLAR. ORGS, 2006, p. 15).

Nestas concepções, fizemos aqui uma investigação, para sabermos como instrumentalizar os alunos e os mesmos empreenderem em compreensões e apropriações. Compreendemos que o âmbito **Histórico/antropológico** “[...] analisa-a a partir da história que ela conta, que significa que simplificam demasiadamente os aspectos interpretativos [...] eles se detêm principalmente nos aspectos descritivos e formais” (FRANZ, 2003, p. 239). Como no texto dos alunos: *Ao estudar a vida/obras do Frans Krajcberg percebemos que o artista é do tempo do nosso bisavô, aqui na fábrica. As obras dele lembram aqueles monstros da antiguidade e dos seres dos*

filmes. O meu tio avô contou sobre o grande incêndio que aconteceu no nosso Estado. E que morreram muitas pessoas, parecido com os que acontece na Europa e que vi na televisão, não é diferente da guerra com bombas. Eu sou parte da história do nosso município, pois na década de 1970, o meu tio foi prefeito, aqui. Foi um momento de rever a história, a nossa história e o ponto que a linha do tempo da história do artista se une com a do nosso município e nesta junção, interligamos toda a nossa comunidade.

As cores parecem as cores de terra do lugar em que eu moro. Neste texto, analisamos no **âmbito estético/artístico** com a definição de ambos os termos.

Embora os termos estético e artístico muitas vezes sejam usados como sinônimos, nesse caso entendo-os como relacionados. Ainda, assim, estamos conscientes de que o adjetivo estético pode referir-se a respostas dadas às formas artísticas ou a outros objetos que podemos ver situados dentro deste contexto” (FRANZ, 2003, p. 246).

“Atualmente na Estética, como campo de estudos, se reconhece o momento da conexão direta com uma obra de arte como uma experiência estética fundamental e fundadora de outras formas de experiência” (PILLAR. ORGS, 2006 p. 131). Aqui, vimos outro modo de leitura, onde eles colocaram o impacto da habitação diferente e das imagens/obras vistas pelos alunos no livro: Frans Krajcberg de Roseli Ventrella e Silvia Bortolozzo. *As cores que ele usa são parecidas com as da arte rupestre, um vermelho da cor do sangue, uns tons de laranja forte. Algumas obras parecem que vieram dos troncos mesmo, mas outras parecem outra coisa esquisita. Como ele consegue fazer algo tão grande. Olha! Parecem insetos gigantes! Flor do Mangue! Parecidas com aranhas gigantes! A casa na árvore, parece de desenho animado, é já vi uma parecida em uma casa na Área 02, aqui na nossa cidade.* Pelas contribuições dos alunos, percebemos o conceito de “[...] compreender então é, ser capaz de realizar uma variedade de atuações que mostram a compreensão de um tópico e, ao mesmo tempo, de aperfeiçoá-la, avançando na questão” (FRANZ. 2003, p. 166).

Tecendo uma teia com as contribuições do Grupo de Trabalho em Rede (GTR), percebemos que os professores de Arte na contemporaneidade, tem buscado um ensino de Arte transformador e crítico, no âmbito **pedagógico/biográfico**, “[...] o que a arte/educação contemporânea pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte” (BARBOSA, 2014, p. 33). No **âmbito pedagógico** a autora referiu-se aos professores, estudantes universitários de Arte e profissionais de museus, no nosso trabalho pedagógico com alunos do final do ensino fundamental,

percebemos que os mesmos não se enquadram nesta avaliação por terem pouco conhecimento em pedagogia da arte. Mas, os professores são cientes que; “A constatação de que uma das funções da escola é interpretar criticamente o mundo (um lugar para pensar a cidadania e a democracia) levou-nos a ordenar também o **âmbito crítico/social**” (FRANZ, 2003, p. 267). Frans Krajcberg nos fala das questões do meio ambiente e diversidade: queimadas; desmatamento; índios; poluição; aquecimento global e sustentabilidade. E o nosso artista ambientalista, engenheiro, fotógrafo, pintor, escultor e cidadão brasileiro, também nos remete a história da Segunda Guerra Mundial e ao alvo principal do Nazismo, (os judeus e os cristãos). O antissemitismo, a intolerância religiosa e racial, que ainda é ‘gritante’, na sociedade do século XXI. Nossos alunos na totalidade, ficaram comovidos com as atrocidades que aconteceram com o Frans Krajcberg e com as vítimas do Nazismo, também as queimadas da década de 60 que aconteceram no Paraná. O nosso homem/artista faz uma analogia com as queimadas e a guerra com propriedade pois viveu em ambas situações: “A guerra continua. Havia dias em que era tanta a fumaça que não se conseguia ver a luz do sol. O cenário, aquela terra arrasada pela destruição, era o mesmo dos campos de batalha. [...] A arte foi a maneira que encontrei para reagir” (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 30-31).

A autora Sueli Terezinha Franz, nos aponta os níveis das leituras dos alunos que colocamos aqui para compreendermos os conhecimentos disciplinar e a aplicabilidade dos mesmos para posterior mudanças de níveis. **Compreensão Ingênua.**

Neste nível, o conhecimento não é questionado, porque se aceita que assim é o mundo ou, no nosso caso, assim é uma pintura (escultura). Os alunos veem o mundo como imediatamente captável e pensam que nenhum conhecimento específico é necessário para comprovar suas afirmações sobre ele” (FRANZ, 2003, p. 283).

Como os nossos alunos descreveram as obras Flor de Mangue e Troncos Queimados (Conjunto de obras sem títulos). *Eu achei as obras meio estranhas, para mim são árvores que já vi na televisão.* Aqui o aluno, nos mostra que ele presta atenção no noticiário e outros programas da televisão que expõem e analisam trabalhos artísticos, mas a sua interpretação não demonstra conhecimento histórico, formal e interpretativo para uma leitura com mais profundidade. *É uma aranha gigante! Com seus tentáculos prontos para sair e atacar! Como ele consegue fazer uma obra tão grande.* Quando se dá a afirmação do aluno, temos que buscar argumentos que

o instiga, a ver mais, acreditamos “[...] que são os olhos leitores que colocam a obra em movimento, numa troca constante de papéis de sujeitos da ação, na medida em que, em determinado momento, é a obra de arte que atua como sujeito do processo da leitura” (BUORO, 2003, p. 43), vemos que a quantidade e a qualidade das leituras desenvolvem as interpretações e os alunos passam de níveis.

Compreensão de Principiante; o aluno precisa de apoio, embasamento teórico para sistematizar a prática e fazer ligações, contextualizações, construções e retomadas de espaço/tempo, elementos formais e constituintes com embasamento...

Uma imagem não é o que parece ser - Podemos supor que, ao encontrar um aluno nesse nível de compreensão, damos conta da dificuldade que ele tem de aliar imagem e contexto. É neste aspecto que devemos buscar estratégias de compreensão para ajudá-lo a alcançar o nível seguinte, dominando esta dificuldade para, a partir do próximo salto, libertar sua interpretação (FRANZ, 2003, p. 285).

Neste nível, os alunos têm dificuldades de desvincular a escultura com o título e com o objeto original da obra, no caso os troncos de árvores, as folhas e as sementes estão enraizados no intelecto e eles não desapegam do que sabem e falam sobre a matéria ao invés de falar sobre a interpretação artística. Exemplo: *Como essa árvore gigante, queimada pode ser arte, para mim é mais um tronco qualquer, que tiraram do mato e pintaram.* “Magrite explica que uma imagem é uma representação” (FRANZ, 2003, p. 286). Neste momento falamos ao aluno, que o Magrite quis dizer é que a obra é uma fotografia, desenho, pintura ou escultura, não é mais a árvore. Depois de queimada o artista buscou-a na mata e esculpiu tirou partes, acrescentou outras, lixou, pintou e passou por todo um processo criador. Assim, dentro do contexto histórico, aquela árvore foi transformada em uma escultura, naquele exato momento, com o título, forma, cores e todos os elementos característicos é como um recém-nascido, o registro se fez e nas nossas vidas artísticas e cultural surgiu o novo, para sempre representado.

Compreensão de aprendiz: Arte “[...] é, sim, um meio de intercâmbio humano, necessário para a vida e para o movimento em direção ao bem de cada homem e da humanidade, unindo-os em um mesmo sentimento” (TOLSTÓI, 2016, p. 61). Neste nível os alunos saem da fase do eu, e partem para a busca da relação extra pessoal. “A inteligência intrapessoal nos permite compreender nós mesmos e trabalhar

conosco” (FRANZ, 2003, p. 287) (**âmbito biográfico**) e a interpessoal “[...] permite compreender os outros e a trabalhar com eles” (FRANZ, 2003, p. 287) (**âmbito Crítico/social**).

Neste nível e com apoio, os alunos começam a relacionar o que aprendem na escola com sua vida cotidiana, para resolver problemas práticos, encontrar explicações, interpretar a si mesmos e aos demais. Espontaneamente reinterpretam a experiência cotidiana através do que aprendem na escola. Alguns alunos começam a perceber as posições, objetivos e interesses que afetam a forma em que se constrói e consolida o conhecimento (FRANZ, 2003, p. 286).

“Com o apoio, conseguimos entender o significado da obra com a vida cotidiana” (FRANZ, 2003, p. 287). Alguns dos nossos alunos, relacionaram o fazer do Frans Krajcberg com a prática da família. *Meu pai trabalha na fábrica de cadeiras de madeira, em casa nós temos uma marcenaria, nos feriados e finais de semana ele faz os nossos móveis e de amigos, eu o ajudo e faço o acabamento; lixo, pinto e coloco os enfeites nas peças, me identifiquei com o artista e com o nosso trabalho, tenho experiência e aprecio o trabalho em madeira, no futuro quero ser design de móveis, vou fazer móveis com madeiras de demolição e restaurar os já existentes, me preocupo com a questão do meio ambiente. O meu pai é escultor, já fez várias peças em madeira, cada peça tão bonita, tão criativa. Eu aprecio a pintura estou fazendo um curso de pintura em telas e quero ser artista, talvez, ser escultora também. Gostei da ideia de fazer tinta de elementos naturais, como o Frans krajcberg. Meus pais são artesãos, eles fazem vários objetos com restos de madeira, como: ‘cachepô’, porta-chaves, kit de filtro e fósforo, porta garrafa e cuia de chimarrão, bancos, tabuleiros para xadrez e vários outros objetos. Todos lá de casa ajudam a fazer.* “Uma das propostas de Krajcberg é produzir mudanças na consciência e na ação humana, nas atitudes e nos valores individuais e coletivos”. Como lemos no texto, percebemos as famílias em cooperação, transformando as madeiras em objetos de uso e decoração das suas próprias residências e de outros, causando, “[...] mudanças essas que provoquem uma nova forma de pensar para assegurar o equilíbrio da nossa morada, o planeta Terra” (VENTRELLA BORTOLOZZO, 2007, p. 52). Em um ciclo de uso e reuso, podemos aproveitar e reaproveitar os bens descartados, reformando-os ou utilizando os mesmos para propósito diferente do original, como os troncos das árvores queimadas e restos do desmatamento que Frans utiliza para construir sua arte e denunciar a destruição da natureza.

Compreensão de Especialista: “A arte, juntamente com a fala, é um meio de comunicação e, portanto, também de progresso – isto é, da caminhada da humanidade rumo à perfeição” (TOLSTÓI, 2016, p.160).

Percebemos o conhecimento como uma ferramenta para prever e controlar a natureza, orientar a ação humana, e melhorar nossa vida e do nosso meio social. Reinterpretamos conscientemente as experiências de nossa vida cotidiana a partir dos conhecimentos aprendidos e dominados, seja na escola, ou seja, em outros âmbitos educativos. Penso que neste nível devemos ter condições de avaliar espontaneamente as consequências práticas, lógicas, sociais e morais do que sabemos sobre uma pintura (escultura), apoiando-nos numa posição política sobre a própria existência humana, numa visão de mundo que gere uma reação de mudança, de conhecimento no campo em que atuamos (FRANZ, 2003, p. 288-289).

Os especialistas no contexto deste trabalho foram os Docentes do (GTR) Grupo de Trabalho em Rede, que pesquisaram e analisaram artigos, vídeos/imagens e outros materiais tecnológicos, para elaboração de propostas para teorizarem e fazerem outros projetos com aplicabilidade no contexto escolar de cada professor. Percebemos neste nível a significação. A imagem é “[...] vista então como um constituinte tecem redes de significação capazes de construir os sentidos da obra” (BUORO, 2003, p.132).

Na proposta 4 - *Visita ao Centro de Intervenção da Natureza Frans Krajcberg.* Como, o Parque Ecológico Samuel Klabin, ainda estava em reforma, aliás reforma esta que estava prevista para terminar um ano antes, conforme funcionários da fábrica. Diante deste imprevisto fomos a uma fábrica de móveis de alunos regressos do Colégio (Móveis Tema); ali, podemos passar por todo o processo tecnológico e artístico da fabricação de móveis e passamos pela paleta de cores e texturas, projetos de móveis planejados e artesanatos em madeira desde a fabricação até o acabamento e venda. Fomos ao campo a um local perto do Colégio e recolhemos galhos e troncos de árvores, buscamos os materiais nas fábricas e nas nossas residências, selecionamos e fizemos diversas esculturas e pinturas para a exposição. Conforme as imagens abaixo: Etapas dos restos de madeiras até as esculturas prontas. *Autoria Própria.*



As fotografias são a mostra de esculturas elaboradas pelos alunos do nono ano A, 2016 - Colégio Estadual Professor Custódio Netto.

Ao recolhermos as obras da exposição entendemos “[...] que importa é o processo criador visto como um processo de crescimento contínuo no homem” (OSTROWER, 1989, p. 132).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender uma imagem, precisamos fazer uma análise aprofundada, começando com um olhar ao todo e seguindo passo-a-passo, por uma varredura aos mínimos detalhes visíveis até chegar ao invisível, partículas que evocam o real e o imaginário. No caminho ao trabalho, entre pesquisas e atividades, leituras e mostras, com o artista, os autores, alunos e professores, percebemos as mudanças, as trocas, as valorizações, as transformações e as renovações, o “Krajcberg trocou as pedras de lugar. A moldura aprisionava a natureza. Decidiu libertá-las e procurar novos caminhos” (SANT’ANNA; PRATES, catálogo).

O caminho se faz ao caminhar, vemos o título da Música de Alberto Caeiro/Fernando Pessoa e retomamos o caminho artístico de Frans Krajcberg, em quase um século de vida intensa, concluímos que; “O essencial é saber ver” (BUORO, 2003, p.137), como ele viu das ruínas uma bela Arte da terra as pinturas; das pedras, sementes, troncos e galhos; as formas e da busca na natureza, as técnicas de esculpir entalhar colorir até, a obra concluída; a poética, o engajamento, o espírito

transformador todo o processo criador de Frans Krajcberg mostra que ele é **especialista em Arte.**

O caminho do Frans Krajcberg nos ensinou com profundidade, mudou o nosso modo de ver, analisar, interpretar e compreender arte, desde o início do trabalho fomos sensibilizados, motivados com o processo criador de Frans, imitando o processo do nosso artista, fomos cavando material para que a nossa pesquisa fosse aprofundada, como em uma construção de um prédio, o alicerce é o que menos vemos, mas é o que mais nos mobiliza ao esforço e que nos sustenta a ir às alturas com afinco, buscamos nas bibliografias e biografias um projeto de resgate, em todos os sentidos, uma proposta que emergisse do simples Colégio Estadual Professor Custódio Netto e retornasse ao caminho do Frans Krajcberg, onde ele parou e retornou em Telêmaco Borba e Paraná, neste vai e vem, por aqui plantou e por aqui colheu, sem atalhos, passando pelo fogo e emergindo das cinzas; “O artista não busca na natureza apenas a “arte pela arte”, mas a interpreta e cria uma nova paisagem” (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 53). “Ao longo deste século, mais do que nunca esperamos que a arte de Krajcberg revele seu (ideal) transformador, na esperança de que o ser humano assume seu compromisso em defesa da vida e acredite no amanhã” (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 45).

Arte e Sustentabilidade; Arte e Antissemitismo; Arte e Natureza; Arte e Diversidade; são alguns dos muitos temas que podem ser explorados nas obras/imagens dentro do grande legado que Frans nos deixou.

Aprendemos com Ana Mae Barbosa, que a tríade inseparável, mas maleável no ensino da Arte Contemporânea é a “leitura de imagens, contextualização e produção artística” (Barbosa; Cunha. Orgs, 2010, p.86), em voltas e reviravoltas as três estão presentes e nos remontam ao passado e emergem o futuro no teorizar e fazer Arte, indo além, abrangendo todas as disciplinas em processo criativo de análises.

Apropriamos, também da “Compreensão Crítica” de Sueli Terezinha Franz a partir deste trabalho, reconhecemos que a Leitura de Imagens/Obras “[...] de que mais quer encontrar respostas para as nossas perguntas iniciais, outras novas perguntas surgiram, instigando a seguir investigando” (FRANZ, 2003, p.304). Vimos nos docentes do Grupo de Trabalho em Rede (GTR) as mesmas questões: Com o mínimo de recursos, como proporcionar boas leituras de imagens/obras para os nossos

estudantes? Como trabalhar o conteúdo leitura e releitura de imagens/obras dentro do currículo de Arte e abranger todas as disciplinas? Um ensino aprofundado requer tempo de análises, interpretações, reflexões e produções o que fazer se precisamos ensinar quatro áreas: Música, Dança, Artes Visuais e Teatro, sendo que o nosso trabalho foi em um bimestre só de Artes Visuais e um artista, na avaliação, ainda percebemos que faltou aprofundamento em alguns conteúdos? O que fazer para que a Arte Educação tenha o seu valor devido dentro das demais disciplinas do Currículo atual e dentro do coletivo da escola? Ou, toda escola tem um projeto de leitura e se o 'projeto de leitura' das nossas escolas e comunidades fosse de 'textos e imagens'?

“Mais do que dar respostas, nossa intenção é deixar no ar muitas perguntas, convocando outros educadores a se juntar a nós para pensar uma educação artística que contribua para construir um mundo melhor” (FRANZ, 2003, p. 305).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte: Anos 1980 e novos tempos.** 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 149 p.

_____, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da; (ORGS.). **ABORDAGEM TRIANGULAR: No Ensino das Artes e Culturas Visuais.** São Paulo: Cortez Editora, 2010. 463 p. Vários autores.

BUORO, Anamelia Bueno. **OLHOS QUE PINTAM.** São Paulo: Cortez Editora, 2003. 2. Ed. 252 p.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação Para uma Compreensão Crítica da Arte.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003. 318 p.

GARDNER, Howard. **Mentes Que Criam: Uma Anatomia da Criatividade Observada Através das Vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 380 p.

OSTROWER, Fayga. **CRIATIVIDADE E PROCESSOS DE CRIAÇÃO.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. 200 p.

RODRIGUES, Cristina. **FRANS KRAJCBERG: O intérprete da Natureza.** Rio de Janeiro: Maanaim, 2002. 92 p.

SANT'ANNA, Renata; PRATES, Valquíria. **Frans Krajcberg: A obra que não queremos ver**. 5. Ed. São Paulo: Paulinas, 2013. 1 v. (Arte à Primeira Vista).

VENTRELLA, Roseli; BORTOLOZZO, Silvia. **FRANS KRAJCBERG**. São Paulo: Moderna, 2007. 72 p.

TOLSTÓI, Leon; **O que é Arte?** A Polêmica Visão do Autor de Guerra e Paz. 2. Ed. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 2016, 247 p. (ORG.),

PILLAR, Analice Dutra; **A Educação do Olhar: no ensino das artes**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. 205 p. (Cadernos de Autoria)